

A EDUCAÇÃO COMO PRINCIPAL MEIO NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER¹

Diovana Machado da Silva²

Évelin Fernanda Soares³

Lídia Inês Allebrandt⁴

O presente trabalho tem por objetivo discutir, analisar e refletir as causas da violência contra a mulher, trazendo questões relevantes ao campo acadêmico e social, partindo de ações responsáveis que permitam a desconstrução de ideias patriarcais as quais reproduzem a violência contra a mulher. Neste sentido, abordamos uma reflexão que busca a construção da cidadania da mulher em uma sociedade de equidade, sem violência e de superação de todo e qualquer tipo de discriminação e preconceito, por meio de uma educação de qualidade, democrática e cidadã, que forme sujeitos responsáveis por si e pelo outro, uma educação que emancipe o humano para a transformação social.

As vítimas de violência doméstica na sociedade são alarmantes. A violência no país está crescendo em proporções catastróficas, segundo Heise et al. (1994) citado por Deslandes et al. (2000, p. 130), “[...] a violência presente nas relações de gênero é um sério problema de saúde para mulheres em todo mundo”, compreende-se a importância de discutir o lugar da mulher nos espaços públicos, privados e sociais, as causas da violência às mulheres na nossa sociedade e suas consequências. Portanto, entendemos que é de extrema importância e relevância estudar sobre essa temática e se inserir em espaços que legitimam e que assumem esse caráter político de identidade para lutar com a finalidade de construir uma sociedade de igualdade de gênero, pela dialogicidade e ações responsáveis e conscientes. Desta forma e com ações conjuntas, conseguiremos avançar e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

¹Relato de experiência realizado por acadêmicas dos cursos de licenciatura da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, no componente curricular Práticas Educativas em Espaços não Escolares. Ijuí/RS, 2017.

²Acadêmica do Curso de Graduação em Letras Português - Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e bolsista do PIBID/UNIJUI, subprojeto Interdisciplinar, diovana_machado@hotmail.com

³Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e bolsista do PIBID/UNIJUI, subprojeto Pedagogia, evelinferranda13@hotmail.com

⁴ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, da Universidade da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, orientadora.

Nesse contexto, este estudo buscou responder a seguinte questão de pesquisa: por que a educação é o principal meio na prevenção da violência às mulheres?

O estudo deste trabalho foi realizado a partir de uma provocação que surgiu na disciplina Práticas Educativas em Espaços não-Escolares, ofertada pelo curso de Pedagogia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, que instigou a realizarmos pesquisa e ações voluntárias na Coordenadoria da Mulher do Município de Ijuí, compreendendo os gatilhos sócios-históricos-culturais que levam à violência contra as mulheres e, também, porque entendemos que a educação é o principal meio de prevenção à violência contra a mulher. A pesquisa insere-se na modalidade pesquisa-ação, segundo Kemmis e McTaggart (2002, p. 1) “[...] esse modelo de pesquisa, visa desenvolver um processo reflexivo e de compreensão (pesquisa) onde os envolvidos participem e se envolvam no processo colaborativo de mudanças (ação)”. Essa prática foi desenvolvida por duas acadêmicas dos cursos de licenciatura, envolvendo a Coordenadoria da Mulher do Município de Ijuí e contando com o auxílio do Grupo Escoteiro Farrapos Carijós do Município de Ijuí.

Inicialmente foram realizados estudos e pesquisas acerca do tema, aprofundamentos teóricos, discussões e análises para melhor compreensão. Em seguida, realizou-se os encontros com a responsável pela Coordenadoria da Mulher, logo após foram realizadas algumas ações conjuntas, entre elas um encontro para a discussão das propostas do projeto, como são realizados os encontros, os fóruns, a organização do espaço da Coordenadoria e seus princípios e objetivos, contando com a presença da acadêmica do curso de Pedagogia, acadêmica de Letras e escoteira, vice-diretora do Grupo Escoteiro e a Titular da Coordenadoria da Mulher.

A violência contra mulher é muito comum e está presente em toda a história da humanidade, pela forma com que a sociedade se organizou e se organiza, as ações e reflexos do machismo, violência e opressão sobre a mulher é visto e reproduzido na sociedade atual, é reflexo de uma cultura violenta em relação às mulheres. Isso ocorre porque a sociedade ocidental foi fundada e construída tendo como base o patriarcalismo, a ideia de que o homem é o chefe do lar, o dominador/explorador, o poder, relegando as mulheres a uma condição de inferioridade financeira e social, sendo assim, subordinada pelo homem. Essa ideia sempre se manteve viva na nossa história e vem se reproduzindo até os dias de hoje. Apesar de muita luta e resistência e mesmo diante da conquista de alguns espaços públicos, políticos e sociais, as mulheres ainda não têm todos os seus

direitos garantidos pelo estado e sociedade, Rousseau acreditava que há duas espécies de desigualdades.

O estudo dessa temática é absolutamente importante para desenvolver um trabalho responsável, de caráter social e comprometido com a igualdade de gênero na sociedade atual. Compreender a construção histórica de uma cultura que violenta a mulher, refleti-la e contribuir para que essas ações sejam desconstruídas e pensadas de um jeito diferente, menos desigual e mais sensível a cidadania da mulher, nos coloca em um lugar fundamental, de humanos pensantes, com a capacidade de perceber o mundo e suas fragilidades inerentes. É preciso emancipar as pessoas, garantindo a igualdade para a transformação acontecer.

Essa injusta e desigual relação entre homens e mulheres, estabelecida na sociedade pela forma com que ela se organiza, as suas relações e compreensões sociais de gênero construídas pela cultura do patriarcado, gera uma violência disparada cotidiana na vida das mulheres, muitas vezes invisível e silenciosa, que gera os maus tratos, a agressão, o silêncio, a violação até a morte. A violência doméstica é um processo muito mais amplo e complexo, vai além de cenas de agressão física, acontecendo de várias formas, a lei define cinco tipos de violência, física (bater, empurrar, morder, puxar o cabelo, estrangular, chutar, queimar, cortar, torcer ou apertar o braço, são exemplos), moral (fazer comentários ofensivos na frente de estranhos, humilhar publicamente ou expor a vida íntima da mulher), patrimonial (controlar, reter ou tirar o dinheiro da mulher ou causar danos aos seus bens, objetos ou animais de estimação, reter documentos pessoais, instrumentos de trabalho, entre outros), sexual (forçar a ter qualquer forma de prática sexual, sem consentimento), emocional ou psicológica (é aquela em que a vítima é humilhada, xingada, criticada continuamente ou desvalorizada. São atos como tirar a liberdade de ação ou crença, em que se tenta mostrar que a mulher é louca ou que impeça que ela trabalhe e estude).

O índice de mulheres que declaram ter sofrido algum tipo de violência doméstica no Brasil passou de 18% para 29% entre o ano de 2015 para 2017, pesquisa realizada pelo DataSenado em parceria com o Observatório da Mulher. Em notícia publicada pelo G1, segundo o SSP (Secretaria de Segurança Pública), 167 mulheres são agredidas por dia no Rio Grande do Sul, considerando os casos de ameaça, lesão corporal, estupro, feminicídio consumado e também tentativa de feminicídio. Segundo Gelles (1993:1) citada por Isabel Dias (2010, p. 245), “[...] legitimada ora por dogmas religiosos e políticos, ora pela

ideologia patriarcal, a violência doméstica é um fenômeno de longa data, que faz parte integrante da história da família das sociedades ocidentais e de muitas outras do globo”.

Em palestra realizada no 27º GAC (Grupo de Artilharia de Campanha, Monte Caseros), pela Coordenadoria da Mulher de Ijuí, foi destacado que no município são atendidos de duas a três ocorrências de violência doméstica por dia, grande maioria dos casos são de relacionamentos de jovens, a Titular da Coordenadoria acredita que a educação é o caminho mais eficaz na prevenção. A Coordenadoria da Mulher de Ijuí, é um órgão da Administração Municipal, diretamente ligado ao chefe do poder Executivo e tem como princípios a incumbência de coordenar políticas públicas que garantem os direitos das mulheres e que lutam pelo fim da violência doméstica e social. Busca assessorar a administração na formulação, coordenação e articulação de planos, programas, projetos e ações que visem à defesa dos direitos das mulheres voltados à participação na vida socioeconômica, política e cultural do Município. É um espaço de construir e pensar em uma sociedade com igualdade de gênero, trazendo à tona as discussões em espaços públicos, garantindo uma dialogicidade responsável e consciente a todas as mulheres.

Entende-se que é necessárias políticas públicas que construam a igualdade de gênero e que combatam a exclusão e a violência contra as mulheres de maneira que se efetive em ações educativas em espaços públicos e privados. É muito fácil perceber o quanto o machismo é reproduzido nas escolas e no meio social, por isso é de extrema importância estabelecermos diálogos para promover a equidade de gêneros, um exemplo, é o projeto "Lei Maria da Penha nas Escolas: desconstruindo a violência, construindo diálogos" realizado na cidade de Barras em Piauí, que busca reduzir os índices de violência contra a mulher através da prevenção pela educação, proporcionando capacitações para professores, alunos e comunidade em geral iniciando a conscientização dessa e das próximas gerações. Segundo Vygotsky (2001 apud Pereira 2012, p. 281) “[...] o homem constitui-se através da linguagem, da fala e do pensamento”, desse modo compreende-se que quando realizamos abertamente conversas, debates com o outro principalmente no meio escolar estamos constituindo seres sociais que saibam conviver em uma sociedade igualitária, principalmente amadurecendo a perspectiva que estamos em constante evolução, percebendo assim que como o mundo muda, precisamos mudar atos e pensamentos dos quais estiveram por muitas décadas impostas e cultivadas

[...] essa transformação só é possível por meio da articulação da temática na educação minimizando a realidade da violência doméstica e trabalhando desde

cedo os papéis masculino e feminino em sala de aula, de forma a oportunizar a desconstrução dos estereótipos dos papéis do “ser homem e ser mulher” (MADALOZ, 2015, p. 24-25).

A escola é um espaço de convívio entre diferentes sujeitos sociais, sendo assim esse espaço não pode somente ser para transmissão de conceitos acadêmicos, mas de diálogos e flexões pois é o principal meio de construção social. Lugar crucial para abordarmos e desenvolvermos ações de conscientização desse modo a educação possibilita mudar a convicção dos autores de violência educando-os.

A violência contra a mulher faz parte de um sistema-sócio-histórico, que condicionou as mulheres a uma posição hierarquicamente inferior aos homens em nossa sociedade. Há uma construção cultural de violência permeadas pela opressão e humilhação. Esse tipo de violência não está longe, ela pode estar dentro de nossas casas, ela acontece, e acontece todos os dias. Está deixa marcas profundas na vida dessas mulheres e, embora a maioria dessas marcas sejam emocionais na maioria dos casos há traumas profundos, algumas carregam consigo marcas, estampadas no corpo da violência vivenciada.

O processo de empoderamento e emancipação se inicia no resgate da autoestima dessas mulheres, no recomeço, no convívio com a família e com o meio social. Para que essas consigam romper com a violência, a coordenadoria da mulher é fundamental, tanto a rede primária, quanto as redes secundárias.

Somente será possível a desconstrução sócio-histórica-cultural do patriarcado e só será construída uma sociedade justa e igualitária de gênero e a superação da violência doméstica contra a mulher através de uma educação igualitária, políticas públicas responsáveis e comprometidas com a mulher, um sistema consciente das suas ações, a presença do estado garantindo que homens e mulheres sejam tratados de maneira equânime, introduzindo as novas gerações discussões e uma socialização, por meio de reflexões sobre os papéis de gênero na sociedade, assim a transformação, acontece. E essa transformação só será possível por meio da articulação dessa temática na educação, nos espaços de aprendizagens, nas relações humanas que acontecem na escola e que minimizam a realidade que vivenciamos da violência doméstica, trabalhando desde cedo os papéis masculino e feminino em sala de aula, a discussão de gênero, justiça e igualdade, de forma a oportunizar a desconstrução dos estereótipos dos papéis do “ser homem e ser mulher” e construir outra cultura, uma nova sociedade, mais justa, humana e cidadã.

Palavras-chave: Desigualdades; Cultura; Educação.

REFERÊNCIAS

DATASENADO. **Dataseñado Aponta Aumento no Percentual de Mulheres Vítimas de Violência.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/06/08/dataseñado-aponta-aumento-no-percentual-de-mulheres-vitimas-de-violencia>>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

DESLANDES, S. F., GOMES R., SILVA. C. M. F. P. **Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(1):129-137, jan-mar, 2000.

G1. **Mais De 167 Mulheres São Agredidas Por Dia No Rio Grande Do Sul.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/mais-de-167-mulheres-sao-agredidas-por-dia-no-rio-grande-do-sul.ghtml>>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

IJUÍ RS. **Coordenadoria e Rede de Proteção a Mulher Promovem Encontro Com o 27º Gac.** Disponível em: <http://www.ijui.rs.gov.br/noticias/coordenadoria_e_rede_de_protecao_a_mulher_promovem_encontro>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

MADALOZ R. F. **Dores no corpo e dores na alma:** história de vida de mulheres em situação de violência doméstica. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí.

PEREIRA C. L. **Piaget, Vygotsky e Wallon:** contribuições para os estudos da linguagem. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 2, p. 277-286, abr./jun. 2012.

PORTAL DO DIA. **Barras adere ao projeto Lei Maria da Penha nas escolas.** Disponível em <<http://www.portalodia.com/municipios/barras/barras-adere-ao-projeto-lei-maria-da-penha-nas-escolas-308002.html>>. Acesso em 31 de outubro de 2017.

SOUZA, C. A. **A Desigualdade de Gênero no Pensamento de Rousseau.** Revista Novos Estudos Jurídicos - Eletrônica, Vol. 20 - n. 1 - jan-abr 2015.